

**O SABER E O “PRA QUÊ”: ENTRE O MÍTICO E OS CONHECIMENTOS
MEDICINAIS DE USO DA FLORA CERRADEIRA NA COMUNIDADE RURAL
SÃO BENTO, EM BURITIZEIRO, NORTE DE MINAS GERAIS¹**

ANA CAROLINA DOS SANTOS PEREIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
ana.karol16@hotmail.com

DANIEL AMARAL DE SOUZA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
danielamaralsouza@hotmail.com

MARIA DAS GRAÇAS CAMPOLINA CUNHA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – UNIMONTES
gracapira@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo procurou compreender como o conhecimento sobre as plantas do cerrado é utilizado na comunidade São Bento na cura ou prevenção de alguma enfermidade, dando especial relevo as crenças e superstições associadas às formas como esses saberes são transmitidos. A Comunidade encontra-se localizada à margem esquerda do rio São Francisco, no município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais. Para tanto, utilizou-se métodos etnográficos de pesquisa, com o propósito de acompanhar o cotidiano de algumas mulheres reconhecidas pela população local como detentoras de saberes medicinais. As mesmas relatam suas vivências e saberes míticos relacionados ao uso da medicina popular, em especial, as benzedeiras Alaíde e Elza, além da professora Geraldina, sendo que, esta última aprendeu com a população local o uso de ervas medicinais do cerrado no preparo de medicamentos. Ensinaamentos estes, que “*na hora de precisão*”, como ela diz, são transmitidos as pessoas que necessitam. Por meio desta investigação foi possível inferir que a população de São Bento tem profundo conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas, saberes adquiridos a partir de experiências de vida, crenças e valores, o que revela as particularidades que compõem seus modos de ser e de se viver, elementos determinantes de sua identidade social. Segundo os moradores o requisito mais importante para ser curado é acreditar.

Palavras – chave: Medicina popular. Cerrado. Mítico. São Bento

¹ Iniciação científica

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho torna-se sugestivo ao simbolizar a sabedoria popular e os conhecimentos das propriedades medicinais da flora cerradeira pela população local de São Bento. É comum as pessoas catalogarem mentalmente as plantas, sua origem e qual o seu poder de cura (“pra que” servem?). Dessa forma o uso da frase “*O SABER E O PRA QUÊ*” está estreitamente relacionada a utilização de ervas, folhas, cascas, sementes, raízes, dentre outros, na cura de algum mal que os afligem.

A medicina popular é uma prática tradicional que reflete profundo conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas. Este saber local é transmitido e repassado pelas gerações e se destinam à cura de alguma enfermidade ou a sua prevenção. Ela está relacionada a uma série de ações percebidas no cotidiano: as realizadas por um “raízeiro” manipulando uma planta para a cura de alguma enfermidade, uma “benzedeira” receitando um banho, ou uma pessoa preparando um chá. Todas essas ações estão vinculadas a hábitos, costumes, tradições, superstições e crenças.

A este respeito, Oliveira (1985) afirma que, esta prática resiste política e culturalmente à medicina acadêmica, pois ela contrapõe seus conhecimentos e a cultura da qual pertence, com a medicina praticada pelos médicos. Podendo ser realizada por várias pessoas, em diferentes espaços e circunstâncias. Apesar de a medicina popular fazer parte das práticas diárias da maioria da população, poucos sabem sobre ela, ou como se dão os processos de sua produção.

No entanto, vale ressaltar a complexidade que abrange o uso das plantas como medicamentos. Mais do que um remédio utilizado com o propósito de alcançar uma cura, este envolve magia e misticismo, ou seja, faz parte do círculo cultural de cada povo, construído ao longo do tempo. Através dessa relação homem-meio, se constrói a cultura de um povo, bem como o universo mítico do qual faz parte (MARTINS, 2006, p.18).

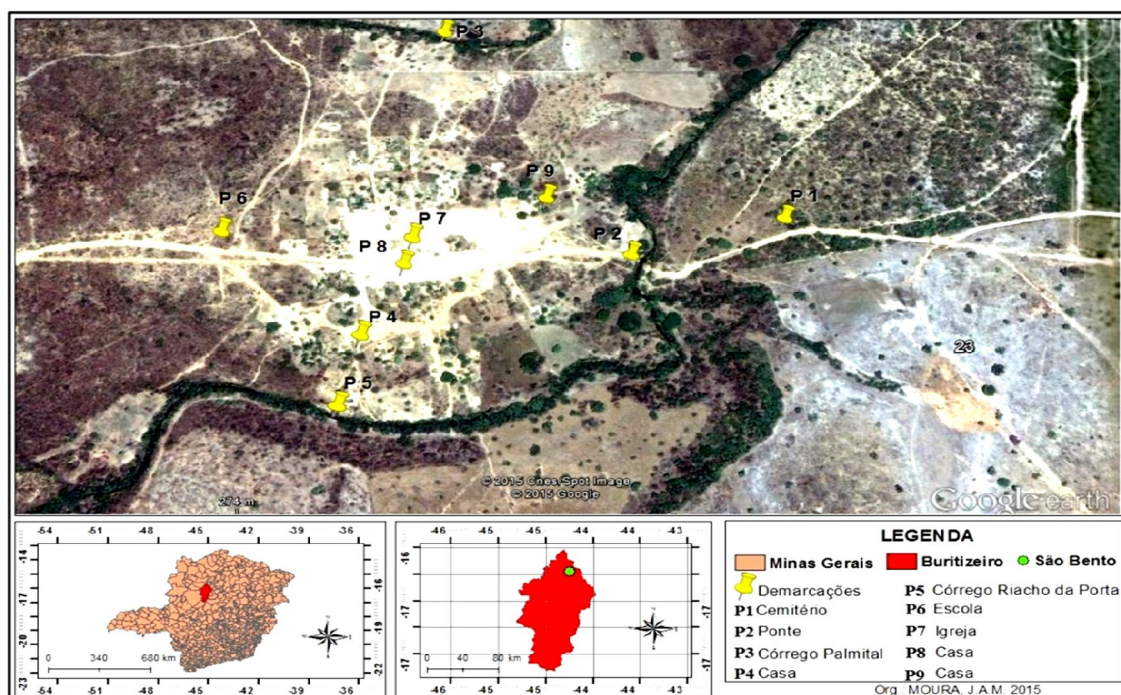
As práticas populares de cura, podem compreender formas materiais, com as plantas e seus valores curativos (através dos chás, sumos, banhos, xaropes, etc.), e formas espirituais, reveladas por meio dos rituais de cura, onde invocavam-se o sobrenatural, conhecimentos inexplicáveis à ciência.

Deste modo, o estudo deu ênfase a esfera mítica que envolve pessoas detentoras de saberes medicinais sobre as plantas do cerrado. Conhecimentos estes, envoltos em crenças religiosas, fator este, que assegura o respeito e confiança da população sobre os mesmos, na cura de algum mal que os afligem.

Para tanto, recorreu-se a métodos etnográficos de pesquisa, tais como, observação participante, história oral, diário de campo, uso de gravador, dentre outros. Segundo Mendes (2008) a pesquisa empírica proporciona o conhecimento das concepções e representações da riqueza sociocultural do lugar, seus modos de vida, como as histórias da família, da religião, dos “causos” e, principalmente, da utilização do tempo e o ritmo de vida da população.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Figura 01 – Mapa de localização da comunidade São Bento



FONTE: MOURA, J. A. M., 2015.

O local de estudo encontra-se inserido na mesorregião Norte do estado de Minas Gerais, na Bacia Hidrográfica do rio São Francisco no município de Buritizeiro. Possui grande extensão territorial, intensa expressividade em atividades agroindustriais, e forte

presença de comunidades tradicionais, principalmente nas áreas ribeirinhas.

A região é caracterizada pelas influências do fluxo migratório de populações de várias partes do país, principalmente do Nordeste, trazendo seus costumes, crenças e saberes tradicionais. Esses povos que aqui se estabeleceram acrescentaram às suas tradições saberes acumulados sobre o novo ambiente a que vieram habitar.

De acordo com Brasil (2007), os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Do ponto de vista ecogeográfico, o norte de Minas caracteriza-se como uma ampla faixa de transição entre uma vegetação típica do Planalto Central Brasileiro – os cerrados – e as formações que fazem contato com a vegetação típica do semiárido nordestino – a caatinga. Em função das mudanças de altitude e linhas de drenagem, vão se formando as áreas de domínio, ora do Cerrado, ora da Caatinga, como quem disputa o domínio do território. Essas formações se entrelaçam, [co]formando complexos e variados ecossistemas de transição – as matas secas ou florestas caducifólias, em variadas formas (D'ANGELIS, 2009, P. 61-63).

Conforme este autor, a ocupação humana dos variados ecossistemas, com o passar do tempo, veio se consolidando em diferentes sistemas de organização socioeconômica e cultural. Tais como, os habitantes da caatinga (os Caatingueiros), os do cerrado (os Geraizeiros), os habitantes das ilhas e vazantes do São Francisco (os Vazanteiros), bem como, os indígenas e os quilombolas.

A população da comunidade São Bento está localizada à margem esquerda do Rio São Francisco, sendo considerada Geraizeira. Esta denominação vem dos gerais, ou seja, os planaltos, encostas e vales da região dos cerrados. De acordo com Ribeiro (2012), estes povos sobrevivem do sistema de produção estruturado na lavoura diversificada, da criação de gado e animais de transporte, da utilização do cerrado, que é de onde retiram por meio do extrativismo, forragem para o gado, caça, frutos, madeira, mel, dentre outros. Além disso, são grandes conhecedores das propriedades medicinais das plantas.

Grande parte de sua população rural se mantém, sobretudo, por meio da coleta de frutos (extrativismo vegetal), fibras, raízes e folhas extraídas do bioma cerrado que, por sua vez, se transformam em alimentos, remédios, artesanatos, dentre outros. Além disso, possui

território rico em recursos hídricos, estando cercado pelos córregos: Riacho da Porta, Barbosinha e Palmital. E duas importantes festividades: A festa do padroeiro São Bento e a festa do Baru.

A vegetação de cerrado predominante na área de estudo é o cerrado típico e a formação de vereda, com a presença da palmeira Buriti, do qual deriva o nome do município, Buritizeiro.

De acordo com Bastos e Ferreira (2010, p. 103) “Os Palmeirais são exuberantes na paisagem do Cerrado”. Segundo estes autores, eles foram de grande importância na formação da identidade do homem camponês e para o processo de ocupação desta área, sendo utilizados, principalmente, na construção de abrigos e ranchos. Nesse sentido, Rosa (1982) afirma que:

[...] o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda - as águas levam - em beiras, os coquinhos, as águas mesmas replantam, daí o buritizal dum lado e outro se alinhando que acompanhando os cursos das águas que nem que fizesse um cálculo ficaria daquele jeito, a natureza mesmo se encarrega de fazer a sua recomposição. (ROSA, 1982, p. 285).

Gimarões Rosa é um escritor que colaborou muito com suas noções romantizadas sobre as paisagens do Cerrado. Ele explica que para que o buriti se reproduza é preciso de um ambiente preservado, deste modo, o próprio meio físico se encarrega de plantá-lo.

Pode-se notar, que o cerrado típico possui características muito peculiares, que o diferencia das demais formações vegetais, tais como, a presença de árvores e arbustos de pequeno porte, retorcidos e tortuosos, de cascas e folhas grossas, que estão esparsamente distribuídas no terreno. Em seu extrato arbóreo é possível identificar várias espécies de plantas, tais como, o pau-terra (*Qualea grandiflora*), o pequi (*Caryocar coreaceum*), o Jatobá (*Hymenaea sp.*), dentre outras.

Contexto histórico da comunidade São Bento

O território da comunidade foi demarcado no ano de 1961, pelo senhor Emídio de Castro, ao santo São Bento, na intenção de ter cobras e outros animais pençõhentos afugentados de sua propriedade. Caso esta dádiva fosse alcançada, ele doaria dez alqueires de terra para o santo. E assim o fez. Segundo o relato do senhor Emídio Neto: “*Emídio, no caso meu avô, ele automaticamente foi ao cartório lá de Buritizeiro e passou para a igreja católica, né? Doando ao Santo São Bento, os dez alqueires*”. Os moradores contam que foram feitas orações nos quatros cantos da fazenda. E o local em que hoje se encontra a igreja

de São Bento, foi por onde passaram os animais saindo da região.

Estes povos tradicionais do cerrado nortemineiro vivem e convivem com e no ambiente sem tirar dele o seu poder de regeneração natural, o que possibilita a sua existência futura, garantindo às próximas gerações condições de sobrevivência num ambiente saudável.

Tendo resgatado o contexto histórico da comunidade São Bento, bem como apontado as principais características da área de estudo, será apresentada uma discussão acerca dos principais agentes de cura, dando especial relevo ao papel da mulher na comunidade, retratando os conhecimentos e usos das ervas medicinais e os saberes míticos associados, por meio dos relatos colhidos e da vivência em campo no decorrer desta pesquisa. Por fim, são expostas as considerações finais deste trabalho.

A CURA PELAS ERVAS: RELAÇÕES MÍTICO-RELIGIOSAS

É notável, que desde a antiguidade a medicina e a religião estiveram entrelaçadas, uma vez que, as pessoas buscavam a cura de suas mazelas físicas e espirituais através de feiticeros, que indicavam a melhor forma de se livrarem das mesmas, além de expulsarem os maus espíritos. Eram comuns o uso de talismãs, amuletos, orações, dentre outras superstições, que persistem até os dias atuais.

São vários os detentores de saberes sobre as propriedades medicinais das plantas, principalmente, os “mais velhos”, aqueles que na hora necessária indicam medicamentos e suas diferentes formas de utilização e preparo aos que precisam. *“E assim eu já ensinei muita gente aqui.. é tanto remédio assim né, e a gente nem sabe, ta dentro de casa né”* (fala de um morador da comunidade São Bento).

Entre os diversos conhecedores de curas por meio do uso das plantas, ou de práticas relacionadas à superstições, crenças religiosas, dentre outros, pode-se citar como principais, a figura do *Curandeiro*, do *Benzedor* e do *Raizeiro*.

A figura do curandeiro é muito associada ao sobrenatural, ele costuma ser confundido com o rezador, mas enquanto o rezador atende os pacientes em suas casas, o curandeiro, devido sua “alta hierarquia”, atende-os em sua própria residência. Esta, impressiona os doentes, por ser um ambiente repleto de velas acesas, com santos sobre a mesa ou nas paredes, azeites, rosários, águas em copos ou garrafas, ervas que são utilizadas em garrafadas ou nos benzimentos. Além disso, às vezes, este utiliza vestes parecidas com às das cerimônias

religiosas, e o rapé², elemento de herança indígena. (DIVISÃO DO FOLCLORE, 1979, p. 10)

O curandeiro ao descobrir o mal do doente, pronuncia orações, rezas, benzimentos, recomenda os caminhos a serem seguidos, receitam remédios, banhos, garrafadas, amuletos, dentre outros. Eles não cobram as consultas, somente os medicamentos distribuídos, mas em ocasiões, as pessoas consultadas depositam ofertas em um tabuleiro ou objeto do tipo, que são colocadas pelos curandeiros no local, aos pés de algum santo.

Os curandeiros, apesar de discriminados socialmente e, às vezes perseguidos por algumas autoridades, são bastante procurados pela população mais carente e até por pessoas de nível médio e alto, em casos de desespero, em busca de cura para seus males físicos e espirituais. Entre os muitos males que curam estão a mordida de cobra, bicheira de animal, espinhela caída. Receitam banhos de descarrego para mau-olhado ou influências negativas, como exemplifica o recolhido em Cabo Frio: “banho de descarrego aplicado dos ombros para baixo (não pode atingir a cabeça) e com resguardo de vento; compõe-se das plantas: guiné piu-piu, guiné grupitaia e um pedaço de espada de São Jorge, um bocado de fumo torcido e sal grosso”. Os curandeiros, além de trabalharem para o bem, sabem trabalhar para o mal, para prejudicar, quando solicitados (DIVISÃO DO FOLCLORE, 1979, p. 10).

De acordo com Santos (2005) o mal uso das plantas pode gerar riscos de envenenamento ou, no caso de uma mulher grávida, provocar um aborto se ingerido um chá de ervas com grande propriedade tóxica. Ou seja, para se trabalhar com ervas, é preciso conhecer suas virtudes medicinais. Ser conhecedor do valor terapêutico das plantas.

O Raizeiro, dentre os agentes de cura, é aquele que lida em específico com as plantas medicinais, possuindo grande importância para a população local, no que tange à saúde, atuando na manutenção e transmissão dos saberes sobre as formas de preparos e seus usos.

Admirados pela cultura popular, os raizeiros se apresentam em sua maioria com pouca escolaridade de forma que os conhecimentos adquiridos sobre as ervas medicinais estão incluídos no senso comum (DANTAS E GUIMARÃES, 2006 apud FORMIGA; NASCIMENTO e BATISTA, 2014). Estes profissionais utilizam das mais variadas espécies de plantas para o tratamento de diferentes doenças que acometem o homem, além do mais, seus produtos dispõem de baixo valor aquisitivo.

Os remédios são preparados e administrados sob diversas formas: **chá ou infusão**, de preparação rápida e muito difundida; **xarope ou lambedor**, cozimento da planta com açúcar até se obter uma consistência viscosa; **garrafada**, de preparação mais complexa que merecerá tópico especial; **banhos**, para males físicos, e outros de descarrego que curam males causados por feitiço, mau-olhado, encosto, etc; **emplastro ou cataplasma**, a aplicação da erva preparada sobre a área doente do corpo, diretamente ou dentro de um pano, às vezes quente e outras, fria, sinapismos,

² O **rapé** (do francês râper, "raspar") é o tabaco (ou fumo) em pó para inalar.

de preparação e aplicação idênticas aos emplastros, adicionando-se pimentas, mostardas ou outros elementos para queimar de verdade. Algumas ervas são utilizadas isoladamente, tem efeito por si sós e são denominadas independentes. Podem, também, ser combinadas com outras, neste caso denominando-se conjunto. (DIVISÃO DO FOLCLORE, 1979, p. 11).

As plantas medicinais podem ser encontradas e colhidas no mato, na beira dos córregos ou nos quintais (nativas ou cultivadas), na qual aproveita-se as folhas, frutos, raízes, cascas e até a madeira propriamente dita.

O benzedor é uma figura muito procurada e respeitada pela população, principalmente, no meio rural. Eles afastam os males físicos e os associados ao sentimento, por meio de rezas e orações características do catolicismo, às vezes relacionadas a simpatias. Em sua maioria, esta arte é proferida pelas mulheres. Na hora da “reza” o benzedor, faz sinais, cruzeiros, gestos, dentre outros.

Segundo Gomes e Pereira (1989, p.16) a presença da mulher é marcante no mundo da crença, pois é ela, numa maioria quase que absoluta, a conhecedora do segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal. Mas é necessário que a pessoa a ser curada compartilhe das mesmas crenças do curador, que acredite, que tenha fé que tudo é possível, proporcionando assim, uma ligação simbólica entre os mesmos.

De acordo com Araújo (2011) na prática católica dos ofícios de cura populares, o primeiro contato dos agentes com a experiência do benzimento se dá por meio da aquisição do dom. Nas falas do autor, o dom é uma maneira única para explicar os eventos direcionados a essa prática, e ele pode ser adquirido de duas formas. A princípio, por intermédio da transmissão, ou seja, onde os conhecimentos são conferidos por parentes ou pessoas próximas. Ou por experiência mística, ou seja, a superação de um mal sem solução, por meio de uma revelação obtida num sonho.

Todas essas práticas estão arraigadas a cultura popular, que se mantém viva com o passar do tempo, mesmo em meio à modernidade. Tais conhecimentos são repassados por entre as gerações, reproduzindo a identidade de um povo.

Uma das figuras de maior representação na comunidade São Bento diz respeito às benzedadeiras, elas são muito respeitadas e procuradas. Muitas pessoas recorrem a elas para os diversos tipos de cura, por meio de chás, rezas, “benza” para quebrante, mau olhado, inflamação, entre outros.

De acordo com Silva (2013), para os benzedores o aprendizado adquirido sobre a arte de benzer se dá por meio de um chamado divino para ajudar as pessoas, no imaginário

popular são intermediários de cura, sendo um canal pelo qual Deus concede uma benção. E esse dom pode ser dado a qualquer pessoa, independente de sua classe social. Nas falas desta autora, a benção não está no benzedor, e sim na fé do penitente ou paciente, que sabe que Deus que cura, que o benzedor é só um mediador, ou seja, um instrumento usado por ele, que está sempre a disposição de quem necessita, sem nada cobrar. Como diz dona Alaíde, “*Ser benzedeira é receber um dom de Deus*”(benzedeira da comunidade).

Nas incursões a campo pôde-se observar que Dona Alaíde é uma pessoa profundamente religiosa, respeitada e procurada pelos moradores. A mesma, faz uso de plantas extraídas das matas, do próprio quintal ou da beira dos córregos que estão presentes em grande parte da região, como a “folha de algodão” e o “mentraste” que são utilizados contra inflamações.

Sempre que chegam as pessoas de fora à procura de algum remédio ela diz: “*Eu sei esse remédio aqui, você faz!*”. Da mesma forma que prepara para si e seus familiares, ela ensina a outros interessados. O mentrasto é uma erva encontrada praticamente todo ano pelos membros da comunidade na beira dos córregos. Pode chegar a um metro de altura, é “peluda”, tem folhas ovadas e flores brancas, possuindo em sua estrutura várias ramificações.

Segundo Viana (2002) o mentraste é uma planta nativa na América Tropical e hoje amplamente dispersada por regiões tropicais e subtropicais do mundo. Já era conhecida entre os índios, é muito freqüente nas áreas úmidas de todo o Nordeste, especialmente de serras, sendo considerada planta invasora de culturas e áreas não cultivadas. Na medicina popular é utilizada nos tratamentos anti-inflamatórios, dores de cabeça, de barriga, dentre outras. Esta também se mistura as práticas populares, como rezas, simpatias e benzimentos.

Já algodoeiro é uma planta arbustiva, possui um tronco fino e casca meio avermelhada, onde é possível se identificar várias ramificações de mais de um metro de altura. Suas folhas são recortadas e com margem denteadas, suas flores são amarelas e grandes. Quando ela amadurece, se abre e forma uma cápsula grande, marrom, onde suas sementes são envolvidas por pêlos brancos (algodão). Suas raízes possuem propriedades purgativas e sua casca quando macerada ajuda resolver tumores.

Dona Elza (moradora da comunidade), afirma saber desde muito nova que nos benzimentos é possível encontrar a cura para muitas moléstias. Os ensinamentos foram passados pela sua avó antes de morrer, porém, hoje em dia ela não é mais atuante na arte de benzer. Em suas palavras: “*De vez em quando eu benzia, agora não benzo assim mais não.*

Benzo assim mais é de quebrante, espinhela, o povo que procura mais é criança. As ervas que usa mais para benzer, tem matruz, vassorinha, folha de pimenta, arruda.”

Professora há muito tempo, dona Geraldina (moradora da comunidade) fez o ginásio e um curso de noções de enfermagem. Veio para a comunidade no final da década de 1970 com intuito de dar aulas. Na casa onde residia, dois cômodos serviam como salas de aula. Segundo ela *“não tinha cadeira, não tinha nada, não tinha mesa, não tinha nada, ganhava três partes de um salário mínimo”*. Hoje ela é uma dona de casa que cultiva várias plantas medicinais e que ajuda os moradores nas horas de precisão.

Dona Geraldina acrescenta: *“os remédios cada uma pessoa vai e me ensina, num sei nem falar com você, minha mãe fazia, sabe, ela fazia purgante, tantas pessoa ensina, aí eu vou passando né”*. De acordo com a mesma, ensinamentos estes transmitidos na hora da precisão.

Frente ao exposto, pode-se perceber a importância da mulher na comunidade São Bento, é ela quem ensina as rezas, benzas, medicamentos, dias santos, dentre outros, contribuindo de forma significativa na manutenção dos saberes e tradições locais. As mesmas apresentaram receitas de alguns remédios caseiros preparados por elas, utilizando ervas medicinais do cerrado, e as respectivas enfermidades:

1) Xarope para Gripe:

A fruta da macambira, faz o melado, vc conhece a macambira? A macambira é um negócio que a folha da uns “espim”, então da um caixo, quando ele amadurece as fruta fica amarelinha, aí pega ela e quebra ela, aí cozinha ela e coa num pano “branquim” aí põe açúcar, aí faz um xarope. Aqui tinha uma mulher que tava numa tosse e isso que curou a tosse dela. (Fala de uma moradora, 2015)

2) Xarope para Pneumonia:

A semente da imburana e a pena da galinha “rúpiada” e as sementes da melância. Más é assim, é tudo ímpar, é nove semente de melância e nove pena de galinha. Mistura elas na água quente, a imburana é torrada, a pena de galinha torrada também, “moi” ela tem que ser rupiada, rupiada a galinha. (Fala de uma moradora, 2015)

3) Xarope para Gripe:

O Jervão também é bom pra gripe, tem que cozinhar bastante por açúcar e deixar secar, faz o xarope e dá pra criança. O Jervão é uma cebola né, você pega a cebola e deixa por ela pra suar com açúcar, ela vai dando aquele “meladin”, ela vai soltando aquela água dela. (Fala de uma moradora, 2015)

4) Xarope para bronquite

Pra bronquite o povo ensinou é, a raiz do capim meloso, não sei se vocês comecem, ele é um capim que da um “mele”, quando cê passa ele prende. Ai cozinha ele com canela e leite, deixa secar. Faz um xarope bom pros adultos, é mais pras crianças né. .(Fala de uma moradora, 2015)

5) Chá para Dor de Barriga:

Para dor de barriga aqui, a gente usa tomar é a flor do mamão, a folha amarela ou então a flor. Ou a folha do “tomatin”, cozinha, faz chá a mesma coisa. Cozinha ele, põe no copo e abafa, quando tiver morno toma. .(Fala de uma moradora, 2015)

6) Suma para infecção:

Aquele tempeirão que eles falam, aquele que tem lá na horta, tempero carne com ele. Mistura ele, bate ele assim. Um dia mesmo minha filha disse, ó mãe, porque cê num bebe, isso é bom demais pra infecção. .(Fala de uma moradora, 2015)

7) Chá para pressão alta:

Pra pressão alta aqui a gente usa beber a folha de cana caiana madura, ou a folha de embaúba. A folha de cana caiana , aquela folha amarelada ,vc bebe ela pra abaixar a pressão, vc pega ela, esquentar uma água, coloca ela e deixa ela lá, ai vai bebendo.

A folha de embaúba e abacate é em primeiro lugar. Também tem as folhas de amora, as amarelinhas, cê cata, aí cê ferve, coa e põe numa vasilha pra por na geladeira e beber direto, daí a pouco você fica com a pressão baixa. .(Fala de uma moradora, 2015)

8) Chá de cebolinha branca:

A cebolinha branca que eles fala, a “cebola de dor”, outros fala “ciganinha”, eu nunca vi um remédio bom igual aquele pra falta de ar, aí cê pega ela e amassa ela, e põe ela na água, não, ferve a água e põe ela na água e da pra pessoa beber. .(Fala de uma moradora, 2015)

9) chá para Gripe

Uns dos remédio que eu tomo aqui é só o chá de capim santo com a folha de acerola e erva cidreira, o chá de acerola é bom demais, e quem chupa acerola direto assim num gripa não. Eu pego as folhas de acerola e manga espada, a folha de erva cidreira e o capim santo. O capim santo é bom a raiz, e assado, quebra ele e faz o chá bem forte e mistura com canela, é bom se eu pudesse bebia todo dia, mas é bom beber bem morno. .(Fala de uma moradora, 2015)

10) Xarope para febre

Carapiá é bom pra cortar febre, não tem febre, nada que ela não corta, carapia tem ate muito aqui. Carapia cê tira a raiz dele, torra, soca e mistura no óleo e dá pra beber.(Fala de uma moradora, 2015)

11) Banho contra infecção

Tem uma florzinha ali que chama “maria sem vergonha”, cê pega ela e coloca ela assim dentro da água sabe, e faz o banho pra vc banhar assim, diz que a gente pode beber ela também, a gente pode beber assim mais é pouquim dela, diz que ela pra infecção não tem “Cuma”, essa maria sem vergonha. .(Fala de uma moradora, 2015)

Segundo dona Maria (moradora da comunidade), antigamente as pessoas não recorriam muito aos médicos, elas utilizavam dos remédios caseiros, do “mato”, ou dos cultivados em seus quintais. Nas falas dela: *“Quando quebrava uma perna, alguma coisa, num ia num médico não, era resina de jatoba com azeite”*. Preparava-se a resina de jatobá com azeite de momona, aquecia as duas e depois colocava sobre o local afetado, com oito dias a pessoa já estava recuperada. Mas segundo ela *“Muitas receitas eu sei, mas eu não tenho mais com quem eu ir, quem sai mais eu assim pra nois ir pro mato e panha remédio, panha pequi, panha barú”*.

De acordo com dona Geraldina, têm algumas partes de plantas, frutos, dentre outros, que não são aproveitados com fins medicinais, devido ao fato de que as pessoas desconhecem seus valores medicinais. *“Hoje a gente tem tanta coisa, mas a gente que não conhece”*.

Sabe o que é bom pra bronquite, alguém veio e me ensinou, cê vai num pé de arvore que tem cupim, cê vai lá e tira três pedaços assim tres cantos dele, e deixa um sem tirar e pega ele e põe pra cozinhar e pega a água que cozinhou ele e e bebe e ensinou.

É igual o bico da abobora né, que a gente joga tudo fora, o bico da abobora é em primeiro lugar pra cólica, assa ele e bate no umbigo, não tem cólica que ela não corta, também pode rapar ela né, eu sei assim que eles me ensinaram, que na hora que cê começar sentir, cê vai lá no fogo esquentar ele e bate em cima do umbigo da pessoa e amarra um pano, quem me ensinou assim foi a finada Marcelina. Mas tem que rapar ele só pra baixo, remédio cê tem que rapar ele só pra baixo, cê num rapa pra riba não, se rapar ele pra riba a dor vai subir, e pra baixo a dor vai descer(Falas de dona Geraldina).

Dona Geraldina conclui dizendo: *“Tudo é simpatia né”*, mostrando que por detrás desses remédios, há uma crença, ou seja todo um ritual associado às propriedades curativas. Por exemplo, para o quebrante tem a quantidade de folhas, quais as rezas e o modo de erguer os braços e para onde afugentar os males.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sempre, o homem procurou meios para aliviar seus males, de acordo com suas crenças. Mesmo diante dos avanços científicos e tecnológicos, essas práticas ainda se fazem presentes, pois de certa maneira respondem às expectativas da população. Segundo os moradores de São Bento, o requisito mais importante para ser curado é acreditar.

A aproximação da população com os agentes de cura, demonstra uma partilha de crenças, costumes, linguagem ou identificação de classe social, fazendo com que tais práticas persistam até hoje. Estas são arraigadas culturalmente, dissipando a base de qualquer argumento elitista e hierarquizante, que atribui às funções curativas populares uma visão reducionista, muitas das vezes vista como produto da ignorância de uma população pobre e desassistida (ARAÚJO, 2011, p.83).

Independente da posição social, é grande o número de pessoas que vão ao encontro de agentes populares de cura para o tratamento de uma enfermidade, pois se identificam de alguma maneira com o discurso mítico-religioso exercido pelos mesmos, e acreditam em sua eficácia. Conhecimentos estes, inesplicáveis à ciência, e elucidados mediante a fé. Na comunidade São Bento é notável a fé que os moradores depositam nas benzedadeiras, detentoras de saberes, e nos mais “velhos”, como dizem. Estes, indicam as formas, como e para que fins as ervas medicinais são utilizadas.

Pode-se perceber que o saber relacionado as plantas foi culturalmente sendo repassado ao longo do tempo pela população local, principalmente no seio familiar, de forma oral e, especialmente, pelas mulheres, principais guardadoras dos costumes locais. A prática de benzer, de ensinar as rezas, receitas, dentre outros, está estreitamente relacionado a solidariedade, ou seja, ajudar ao próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, FABIANO LUCENA DE. **Representações de Doença e Cura no Contexto da Prática Popular da Medicina: Estudo de caso sobre uma benzedeira.** Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Paraíba, 2011, p. 83-96. Disponível em < www.cchla.ufpb.br/caos >

BASTOS, Lázaro Antônio.; FERREIRA, Idelvone Mendes. **COMPOSIÇÕES FITOFISIONÔMICAS DO BIOMA CERRADO:** estudo sobre o subsistema de Vereda. UFG-CAC |Espaço em Revista 2010 vol. 12 nº 1 jan/jun. 2010 páginas: 97 – 108.

BRASIL. *Decreto N. 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007.* Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007.

DANTAS IC & GUIMARAES FR. **Perfil dos raizeiros que comercializam plantas medicinais no município de Campina Grande, PB.** *Rev. Biol. Ciênc. Ter.* 6(1): 39 – 44, 2006.

D'ANGELIS FILHO, João S. Do Local ao Supralocal: **O caso dos Caatingueiros e Geraizeiros na Região de Porteirinha.** In: WILDHAGEN, Cid Dutra(Org). Caminhos para o Desenvolvimento Territorial: Novas abordagens. Belo Horizonte: SEDVAN/IDENE, 2009, p.61-63.

DIVISÃO DO FOLCLORE. **Medicina popular.** Org: Programa Integrado de Educação para o Patrimônio Cultural (Inepac 2005), Rio de Janeiro, 1979, p.01-49. Disponível em< <http://www.inepac.rj.gov.br/.../site/MedicinaPopular10.10.05.pdf>

FORMIGA, RODRIGO DE OLIVEIRA; NASCIMENTO, RAPHAELA FRANCELINO DO; BATISTA, LEÔNIA MARIA. **Perfil socioeconômico dos raizeiros de mercados públicos de João Pessoa e sua contribuição para o processo saúde doença da população.** Paraíba, 2014, p. 01-17.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

MARTINS, FRANCIELE SILVA DE OLIVEIRA. **Algumas plantas medicinais do cerrado utilizadas na cultura popular e nas farmácias de manipulação de ocorrência em ambiente natural de duas áreas distintas do triângulo mineiro-mg.** Monografia (Graduação). Universidade Federal de Uberlândia, Ufu, Uberlândia, p. 01-62. 2006.

MENDES; E. D. P. P. **Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais do município do Catalão (G0).** In: ALMEIDA, M. G; CHAVEIRO, E. F; BRAGA, H. D. C. (Org). *Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida.* Goiânia: E. V., 2008, p. 137-165.

RIBEIRO, Reginaldo. **Ritualizando um costume geraizeiro: estratégias de reprodução da**

vida familiar na feira de Grão Mogol- MG. In: COSTA, João Batista de Almeida e OLIVEIRA, Claudia Luz de (Orgs). Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intremeios, 2012, p. 319-334.

ROSA, J. G. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTOS, DENÍLSON LESSA DOS. **Curandeiros/curandeiras e doentes nas encruzilhadas da cura. Santo Antônio de Jesus. Recôncavo sul – Bahia (1940-1980).** III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 10: Arquivos e Fontes: a pesquisa histórica na Bahia. Bahia – UFBA, 2005..

SILVA, GISELDA SHIRLEY DA. **A arte de benzer e uso das plantas medicinais: práticas e representações orais de benzedores e raizeiros acerca do saber fazer em João Pinheiro (MG).** In: X Encontro regional Sudeste de história oral: Educação das sensibilidades, violências e desafios contemporâneos. Campinas: UNICAMPI, 1013.

OLIVEIRA, ELDA RIZZO DE. **O que é medicina popular**. São Paulo: Abril Cultural, 1985, (Coleção primeiros passos; p.31).

VIANA, RODOLFO DAS CHAGAS. **Cultivo de plantas medicinais em recipientes e jardins (pequenos espaços) - UMA REVISÃO** - .Lorenzi, H. et al. 2002. Plantas Medicinais no Brasil. Vieira, L. S. 1992. Fitoterapia da Amazônia.